



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Arte  
Faculdade de Artes Visuais  
Curso de Museologia**

**Julia Soares Silva**

**A questão da invisibilidade museológica: a Rede de Coleções e Museus da UFPA e o  
Museu de Anatomia**

**Belém - Pará  
2025**

**Julia Soares Silva**

**A questão da invisibilidade museológica:  
A Rede de Coleções e Museus da UFPA e o Museu de Anatomia.**

Trabalho de Conclusão do curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará/UFPA.

Área de Concentração: Museologia.

Discente: Julia Soares Silva.

Orientadora: Profa. Dra. Jéssica Tarine Moitinho de Lima.

Data da Defesa: 03 de abril de 2025.

Tipologia de TC: Artigo em coautoria não submetido

Dados adicionais: Trabalho desenvolvido em consequência da Bolsa PIBIC 2023-2024.

**Banca Examinadora:**

---

**Membro Prof. Dr<sup>a</sup> Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)**

---

**Membro Me. Dr<sup>a</sup> Wanessa Pires Lott (UFPA)**

---

**Membro José Guilherme Veras Closs (UFPA)**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

S586q

Silva, Julia Soares

A questão da invisibilidade museológica: a Rede de Coleções e Museus da UFPa e o Museu de Anatomia / Julia Soares Silva. 2025.

33 f.

Orientadora: Profa. Dra. Jéssica Tarine Moitinho de Lima

Trabalho de Curso – Artigo (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Faculdade de Artes Visuais, Curso de Museologia, Belém, 2025.

1. Museologia. 2. Patrimônio – Pará - Brasil. 3. Museus Universitários. I. Título.

---

CDD - 23. ed. 069.098115

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



## ATA DE AFERIÇÃO DOS TRABALHOS DE DEFESA

No dia primeiro do mês de setembro do ano de dois mil e cinco (01/09/2025), às 14:00h, na Faculdade de Artes Visuais (FAV), reuniu-se a banca examinadora formada pelas docentes **Prof. Dra. Jéssica Tarine Moitinho de Lima (Orientadora)**, **Prof. Dra. Marcia Bezerra de Almeida (Membro interno)** e **Prof. Dr. Ronaldo Correia da Silva (Membro externo)** para avaliarem o TRABALHO DE DEFESA intitulado “**A questão da invisibilidade para museologia: a Rede de Coleções e Museus da UFPA e o Museu de Anatomia**”, de autoria da discente **Julia Soares Silva**, do curso de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Instituto de Ciências da Arte (ICA), Universidade Federal do Pará (UFPA), no período Letivo (PL) **2025.2**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação oral e expositiva, a banca promulgou o resultado Excelente, presentes na ficha em anexo, e as observações foram entregues ao discente, para serem atendidas no documento final de TCC, conforme a resolução da Faculdade de Artes Visuais. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros/membras da Banca Examinadora.

Belém, 01 de setembro de 2025.

Presidente (orientadora):

Membro (interno):

Membro (externo):

# A questão da invisibilidade museológica: a Rede de Coleções e Museus da UFPA e o Museu de Anatomia

Julia Soares Silva<sup>1</sup>

Jéssica Tarine Moitinho de Lima<sup>2</sup>

## Resumo

Os museus e coleções universitárias desempenham um papel essencial na preservação da memória histórica, social e acadêmica, além de contribuir para o ensino e a difusão do conhecimento científico e cultural. No entanto, muitos enfrentam desafios de visibilidade, como o Museu de Anatomia da Universidade Federal do Pará (UFPA), cuja divulgação limitada restringe seu alcance ao público-alvo. Este artigo tem como objeto de estudo buscar compreender os fatores que contribuem para a invisibilidade desse museu e propor estratégias para ampliar sua acessibilidade e reconhecimento. A metodologia baseia-se na avaliação diagnóstica de coleções, utilizando questionário quali-quantitativo desenvolvido pela Rede de Coleções e Museus da UFPA. Os resultados apontam que a baixa visibilidade do museu decorre da ausência de uma política de divulgação consolidada, do público-alvo restrito a alunos da saúde e da falta de estratégias de acessibilidade. Embora o acervo esteja disponível *online* e conte com um site atualizado, a comunicação ainda é limitada. O estudo destaca a necessidade de fortalecer ações de divulgação e ampliar o acesso do museu, propondo estratégias viáveis com o suporte da Rede da UFPA. Além disso, reforça o papel das museólogas na organização e da necessidade de preservação do acervo, garantindo sua relevância acadêmica e social.

**Palavras-chave:** Museus universitários; Divulgação científica; Diagnóstico de coleção; Acesso; Patrimônio universitário.

## Abstract

University museums and collections play a crucial role in preserving historical, social, and academic memory, while also contributing to education and the dissemination of scientific and cultural knowledge. However, many face visibility challenges, such as the Anatomy Museum of the Federal University of Pará (UFPA), whose limited outreach restricts its access to the target audience. This article aims to understand the factors contributing to the invisibility of this museum and propose strategies to enhance its accessibility and recognition. The methodology is based on the diagnostic evaluation of collections, using a qualitative and quantitative questionnaire developed by the UFPA Network of Collections and Museums. The results indicate that the museum's low visibility stems from the lack of a consolidated outreach policy, a target audience limited to health students, and the absence of accessibility strategies. Although the collection is available online and features an updated website, communication remains limited. The study highlights the need to strengthen outreach efforts and expand access to the museum by proposing feasible strategies supported by UFPA's Network. Additionally, it emphasizes the role of museologists in the organization and the importance of preserving the collection to ensure its academic and social relevance.

**Keywords:** University museums; Scientific outreach; Collection diagnosis; Access; University heritage.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Museologia pela Universidade Federal do Pará. Membro bolsista da Rede de Coleções e Museus da UFPA. E-mail: [soares18j@gmail.com](mailto:soares18j@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/0988402915450069>

<sup>2</sup> Profa. Doutora no Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). É doutora em Geociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Preservação de Acervo Científico pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins e Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Integra o Laboratório de Pesquisa em Reservas Técnicas na UFPA. Desenvolve pesquisas sobre Museus, Acervos e Patrimônios, com foco na gestão, documentação e comunicação museológica. E-mail: [jessicatarine@ufpa.br](mailto:jessicatarine@ufpa.br). <https://orcid.org/0000-0002-2481-1225>

## Introdução

Estudar a questão da invisibilidade nos museus é crucial para compreender as dificuldades na gestão e comunicação museológica, especialmente no contexto universitário. Muitas vezes, os museus nas universidades permanecem desconhecidos por grande parte dos discentes, o que limita seu potencial como espaços educativos, de pesquisa e de interação cultural. Refletir sobre essa invisibilidade é um passo importante para fortalecer a conexão entre os museus e a comunidade acadêmica, ampliando seu impacto e valorização.

Este artigo aborda a problemática da invisibilidade dos museus dentro do ambiente universitário, com foco no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Discute-se como este museu, apesar de abrigar acervos valiosos e desempenhar um papel fundamental no ensino e na pesquisa, muitas vezes não recebe a devida atenção ou reconhecimento, tanto da comunidade acadêmica quanto da sociedade em geral. Essa invisibilidade pode ser atribuída a fatores como a falta de divulgação adequada e a ausência de políticas de incentivo que promovam a integração entre as instituições e o público externo. Cabe destacar, ainda, que o Museu de Anatomia da UFPA atende tanto a um público primário (composto, em especial, por alunos da área da saúde) quanto a um público secundário, formado por estudantes de outras áreas e pela comunidade em geral. Por essa razão, é fundamental que suas ações contemplem a diversidade de perfis e interesses, assumindo o compromisso de acolher e dialogar com todos os públicos que o frequentam ou desejam acessá-lo.

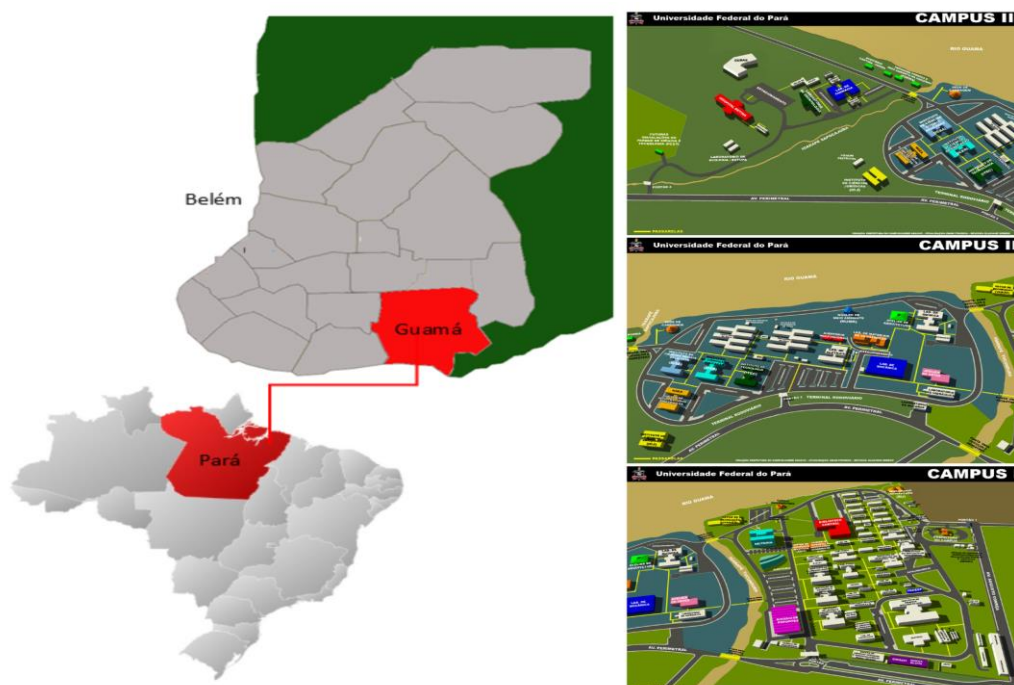


Figura 1 - Mapa da UFPA. Fonte: Colagem, Prefeitura Multicampi da UFPA, 2024.

O Museu de Anatomia da universidade, localizado dentro do campus Guamá e vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas (ICB), dentro do Setor Básico (Campus I). O Campus Guamá,

também chamado de “Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto”, ocupa a porção sul da capital paraense, às margens do rio Guamá (UFPA, 2018), é uma valiosa ferramenta de ensino para diversos cursos, como Medicina, Odontologia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Biologia e Biomedicina (Alfaia; Ózimo Neto, 2025). O acervo do museu conta com quase mil peças, de tamanhos variáveis, tanto de anatomia sintética quanto de anatomia natural humana e animal. Essas peças desempenham um papel fundamental no ensino prático e no aprofundamento do conhecimento anatômico dos alunos, além de serem utilizadas em exposições que visam divulgar o conhecimento científico para a comunidade (UFPA, 2025).

A utilização de museus universitários como instrumentos de ensino-aprendizagem revela uma significativa interface entre o recurso pedagógico e a valorização do patrimônio cultural científico. No caso do museu vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas no campus Guamá, o acervo composto por peças anatômicas humanas e animais, naturais e sintéticas, atende a uma demanda formativa complexa e multidisciplinar. Ao servir de apoio direto a cursos das áreas da saúde e biológicas, este espaço permite uma experiência didática que transcende os métodos tradicionais, proporcionando aos estudantes uma aprendizagem concreta e sensorial, essencial para a compreensão de estruturas e funções do corpo. O uso pedagógico dessas coleções, portanto, não se limita à visualização técnica, mas amplia a percepção do corpo como objeto de estudo científico, ético e cultural.

Contudo, ao mesmo tempo em que exerce papel educativo, esse acervo configura-se como patrimônio cultural científico, pois carrega consigo dimensões históricas, epistemológicas e simbólicas. As peças ali preservadas não apenas representam modelos anatômicos, mas também constituem registros materiais da produção e transmissão do conhecimento biomédico ao longo do tempo. Tal patrimônio exige cuidados específicos em sua conservação e políticas que assegurem sua valorização institucional. Assim, o museu universitário não deve ser visto apenas como um espaço funcional ao ensino, mas como guardião de uma memória científica que segundo Souza (2016), os processos de construção de memória empreendidos por tais instituições, baseiam-se fundamentalmente em saberes e técnicas museológicas específicas, tais como guarda, pesquisa, documentação e exposição dos objetos representantes do patrimônio científico. Contribuindo para a formação crítica dos estudantes e para o reconhecimento social da universidade como agente produtor e difusor de saberes.

A escolha do tema surgiu após a avaliação das dificuldades que atingem os locais que abrigam os bens representantes da memória na universidade como parte das ações do Programa de Extensão Rede de Coleções e Museus da UFPA. Esta busca a aproximação dos espaços museológicos com o intuito de preservar a memória da instituição, além de proporcionar a divulgação do seu patrimônio cultural e científico (Lima, 2023). Além disso, a Rede da UFPA é uma maneira de proporcionar ações institucionais unificadas no que se refere a recursos financeiros (Lott *et al.* 2020). A Rede da UFPA, em seus processos, identifica os pontos fracos e fortes dos acervos permitindo a implementação de melhorias nas questões relacionadas à invisibilidade de museus e

coleções acadêmicas contribuem diversos fatores, entre eles, o fato de estarem inseridos dentro de campi universitários. Essa localização, associada à barreira simbólica que as universidades ainda representam para a comunidade externa, configura um aspecto relevante a ser considerado quando se analisa a pouca visibilidade dessas instituições museológicas. Trazendo melhoria da gestão, da preservação e da comunicação nesses espaços, garantindo maior visibilidade e acessibilidade, desta forma sendo possível suprir as carências existentes, promovendo uma integração mais eficiente entre as coleções, o público e a comunidade acadêmica. A Rede de Coleções e Museus da UFPA busca por uma visão global dos principais problemas que atingem as coleções museológicas da instituição, desde aquelas restritas à sua gestão, até aquelas que afetam a preservação e divulgação do bem (Lima, 2023). As coleções universitárias, por sua vez, são apresentadas como uma fonte valiosa para pesquisadores e estudantes, contendo informações e materiais de grande relevância para o avanço do conhecimento em diversas áreas. Ao destacar essas questões, o artigo contribui para a reflexão sobre a importância de dar maior visibilidade aos museus universitários, valorizando seu papel na formação acadêmica e na preservação da memória científica e cultural.

A UFPA, com sua vasta extensão de 450 hectares à beira do rio Guamá, abriga inúmeros alunos, funcionários e visitantes (UFPA, 2024). Apesar do seu grande tamanho, esta apresenta alguns locais que passam despercebidos, incluindo as instituições museológicas, sejam coleções ou museus, sejam elas coleções ou museus universitários. Tais espaços, embora conhecidos por estudantes de cursos diretamente vinculados a essas estruturas, muitas vezes permanecem desconhecidos pelo público externo e até por membros da própria comunidade acadêmica. Museus são por definição, instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Aberto ao público, acessível e inclusivo, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade (ICOM, 2022). Os museus universitários têm o papel de salvaguardar os acervos (Lott *et al.*, 2020). Assim, as instituições museológicas existentes da UFPA são responsáveis pelos bens pertencentes à memória da sociedade acadêmica e também das comunidades locais, mas a coexistência destes espaços é normalmente desconhecida e até esquecida. Diante disso, o Museu de Anatomia deve estar a serviço da sociedade gerando assim o seu papel social. Nesse sentido, embora o Museu de Anatomia da UFPA seja uma importante ferramenta de apoio ao ensino para os alunos da área da saúde, é fundamental que sua atuação vá além desse público específico. Ampliar o acesso a estudantes de outros cursos, como pedagogia, biologia, artes e ciências sociais, contribui para uma compreensão interdisciplinar do corpo humano e do conhecimento científico. Além disso, a inclusão da comunidade externa fortalece o papel social do museu, promovendo a democratização do saber, a valorização da ciência e a aproximação entre a universidade e a sociedade.

Analisar a forma como um museu é tratado/visto é e deve ser importante, tendo em vista que o papel do museu é de salvaguardar os acervos que carregam a memória cultural de uma sociedade. Repensar o papel dos museus na sociedade atual, como instituições de memória e de

salvaguarda das coleções, plena de exigências, nos obriga a centrar-nos no papel que eles vêm desempenhando como instituições culturais, com objetivos e metas definidos há muito tempo; e em como foram ampliando sua atuação, sem esquecer sua essência real (Sitak; Bumba; Santana, 2018). As coleções universitárias presentes no Museu de Anatomia acabam por conduzir não somente a memória cultural, mas indo além, para também resguardar e transmitir histórias de relevância científica. Os acervos em questão, têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento e para a formação de uma consciência crítica na sociedade. Nesse sentido, o Museu de Anatomia da UFPA, ao disponibilizar ao público externo a oportunidade de contato com coleções anatômicas humanas e animais, desempenha um papel relevante na promoção da educação científica e na reflexão sobre temas como saúde, corpo, vida e morte. A exposição desses acervos, acompanhada de mediação adequada, pode estimular questionamentos éticos, culturais e sociais, incentivando uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento do corpo humano e suas implicações na vida cotidiana. Assim, o museu ultrapassa sua função expositiva e assume uma dimensão formadora, despertando no visitante uma postura mais crítica e consciente diante das questões que envolvem a ciência, a saúde pública e a valorização do conhecimento científico. Contudo, ao levantar a questão da invisibilidade frequentemente associada a esse espaço, surge uma preocupação quanto à eficácia de sua missão enquanto local de representação social, cultural, acadêmica e política. Quando essa coleção não passa a estabelecer um diálogo efetivo com a sociedade tanto acadêmica quanto externa ao campus, torna-se menos acessível e relevante para seu público-alvo. Isso reflete a necessidade de estratégias que promovam a visibilidade, o engajamento comunitário e o fortalecimento de sua atuação como agentes de transformação social e educação coletiva.

O conceito de coleções universitárias, como já está implícito no nome, são aquelas caracterizadas por estarem, total ou parcialmente, sob a responsabilidade de universidades, abrangendo aspectos como salvaguarda do acervo, recursos humanos, financeiros e espaço físico (Almeida, 2001; Marques; Silva, 2011; Alves, 2017; Lott *et al.*, 2020). Essas coleções carregam uma importância inestimável, Martins e Martins (2021) afirmam que estas representam todo o conhecimento que já foi acumulado e estudado ao longo dos anos, e que, atualmente, é transmitido aos novos membros das universidades. Esses bens não apenas preservam a história acadêmica, mas também são capazes de definir a memória de um local e, muitas vezes, da sociedade como um todo (Martins e Martins, 2021). Os espaços responsáveis por abrigar essas coleções têm o papel fundamental de dar continuidade ao legado deixado por gerações anteriores, garantindo que o conhecimento e as descobertas sejam mantidos e, ao mesmo tempo, aperfeiçoados.

Além disso, esses locais têm a capacidade de influenciar a direção que determinado grupo social tomará no futuro, ao preservar o passado e proporcionar reflexões sobre as diferenças e transformações entre diferentes épocas, esses espaços ajudam a moldar a compreensão do presente, permitindo assim, que as novas gerações não apenas aprendam sobre os feitos anteriores, mas também repensem e questionem o rumo que suas sociedades e instituições devem

seguir. Assim, a preservação desses bens acadêmicos não só mantém viva a memória coletiva, mas também oferece uma base sólida para mudanças, inovações e melhorias futuras, contribuindo para o avanço cultural e científico.

A ciência, longe de ser uma construção linear e acabada, é um processo contínuo de negociações, disputas e estabilizações, no qual os fatos científicos ganham legitimidade a partir de redes de atores, humanos e não humanos, que os sustentam. Conforme destaca Latour (2012), o progresso científico não ocorre de forma isolada ou puramente racional, mas depende da mobilização de instrumentos, discursos e instituições que permitam transformar incertezas em certezas provisórias. Nesse sentido, os acervos acadêmicos (como os preservados em museus universitários) desempenham um papel fundamental na sustentação dessas redes, ao fornecerem evidências materiais, registros históricos e elementos de demonstração que mantêm vivas as práticas e os discursos científicos em constante reconstrução.

Dessa forma, o pensamento científico não deve ser compreendido como uma estrutura estática, mas como um campo dinâmico, em permanente movimento entre o passado e o futuro. A conservação e o estudo dos objetos científicos, ao mesmo tempo que reafirmam teorias estabelecidas, também abrem possibilidades para novas interpretações, revisões e experimentações. Segundo Latour (2012), a ciência em ação está sempre em processo de formação, sendo alimentada por múltiplas influências culturais, políticas e tecnológicas. Assim, ao resgatar e valorizar os bens acadêmicos do passado, cria-se não apenas uma memória institucional, que segundo Thiesen memória institucional é tudo aquilo que as instituições definem como relevante para a sua memória. É a sua verdade, o que deve ser selecionado, preservado e recuperado, bem como aquilo que deve permanecer em silêncio, esquecido ou guardado em segredo. Mas também um espaço fértil para a produção de novas formas de saber, tornando a preservação patrimonial uma estratégia essencial para a inovação científica.

Entender as possibilidades derivadas das coleções universitárias em termos de produção de conhecimento, formação e comunicação do patrimônio parte da premissa que essas coleções, abrigadas ou não em instituições museais, é parte fundamental do cumprimento da missão social das universidades como instituições de pesquisa, ensino e extensão (Martins; Martins, 2021). O cumprimento dessas funções é de extrema importância, especialmente quando se trata de pesquisa e aprimoramento de estudos. As coleções universitárias representam um dos elementos centrais para a compreensão de questões históricas, artísticas, culturais e científicas, fornecendo respostas valiosas sobre vivências e experiências anteriores. Esses acervos desempenham fortes fundamentos na preservação do conhecimento acumulado ao longo do tempo, sendo fontes ricas para novas investigações e para o desenvolvimento de estudos inovadores.

A própria definição de patrimônio universitário, apresenta forte relação com o ensino, a ciência, a tecnologia, mas também com a trajetória das regiões onde estão inseridas as coleções, seja através da política, da arte, da economia ou das inúmeras complexidades da vida social local (Lima *et al.* 2023). Dessa forma, o Museu de Anatomia da UFPA não apenas cumpre seu papel

acadêmico, mas também reflete e dialoga com a história e as dinâmicas socioculturais da região, fortalecendo sua função como espaço de ensino, pesquisa e preservação. O patrimônio universitário apresenta forte relação com o ensino, a ciência, a tecnologia, mas também com a trajetória das regiões onde estão inseridas, seja através da política, da arte, da economia ou das inúmeras complexidades da vida social local (Ribeiro *et al.*, 2019). Sendo assim, o patrimônio universitário está ligado às instituições acadêmicas, instrumento importante da preservação da memória dos discentes, docentes e colaboradores que passam pela instituição.

Além disso, a disseminação desse conhecimento para a sociedade em geral é um ponto necessário, pois fortalece a relação entre a comunidade acadêmica e a comunidade social. Ao promover o acesso ao patrimônio, as universidades desempenham um papel ativo na transformação social, oferecendo à população a oportunidade de se conectar com as descobertas, memórias e conhecimentos preservados dentro dessas instituições. Essa interação gera benefícios mútuos, na medida em que as experiências e os saberes acadêmicos são compartilhados com a sociedade, ao mesmo tempo em que as demandas e necessidades da população influenciam e enriquecem as pesquisas realizadas dentro do ambiente universitário. Preservar a memória por meio das coleções universitárias não é apenas uma forma de manter o passado vivo, mas também um mecanismo poderoso de conexão entre as gerações. Essa prática une não apenas as pessoas que fazem parte da universidade, mas também aqueles que estão fora do ambiente acadêmico. Ao criar pontes entre a universidade e a sociedade, essas coleções possibilitam que o conhecimento seja transmitido de forma contínua e acessível, garantindo que a memória e as vivências anteriores sirvam como base para futuras inovações e melhorias na comunidade como um todo.

A pesquisa atual não consegue afirmar a existência de uma conexão direta entre a academia, composta por indivíduos ligados a instituições educacionais e de pesquisa, como universidades e centros de ensino, e a comunidade, entendida como o conjunto de pessoas que compartilham interesses, valores, cultura ou experiências sociais. No entanto, o trabalho de Santos (2018), *Museus e coleções da UFPA: os espaços existentes no Instituto de Ciências Biológicas (ICB)*, destaca a relação entre a instituição e a população local, evidenciando a interação entre museus e comunidades.

A formação de um museu universitário pode se dar de várias maneiras: pela aquisição de objetos ou coleções particulares por doação ou compra, pela transferência de um museu já formado para responsabilidade da universidade, pela coleta e pesquisa de campo e pela combinação desses processos (Almeida, 2001). Desta forma, pode-se compreender que os bens presentes em cada prateleira do Museu de Anatomia da UFPA foram adquiridos por meio de doações realizadas em parceria com Instituto Médico Legal (IML), que faz parte do Centro de Perícias Científicas Renato Chave, vinculado à Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Pará (SEGUP), conforme informação verbal do Professor Ronaldo Correia da Silva, Coordenador do Laboratório de Anatomia e do Museu de Anatomia da UFPA, em 12 de julho de 2025. Esse processo de doação permitiu ao museu compor um acervo valioso de espécimes reais, essenciais tanto para o uso didático nas

aulas quanto para a realização de exposições voltadas ao público. Dessa maneira, o Museu de Anatomia se consolidou como um museu universitário, cumprindo não apenas sua função pedagógica, ao apoiar o ensino prático dos estudantes, mas também seu papel de divulgação científica, ao aproximar a comunidade acadêmica e a sociedade em geral do conhecimento anatômico. O acervo, portanto, contribui diretamente para a formação dos alunos, ao mesmo tempo em que promove o acesso à ciência por meio de suas exposições, consolidando sua relevância no contexto educacional e cultural da universidade.

## Métodos

Buscando compreender as razões da invisibilidade desses museus, especialmente o de Anatomia da UFPA, questionou-se o que leva esse espaço a ser tão pouco procurado, reconhecido e divulgado pelo público geral. Os métodos adotados incluem a análise dos dados coletados por meio do questionário qualiquantitativo, que é aplicado aos curadores de coleções e museus, com o objetivo de avaliar o estado e a gestão das coleções. No caso deste artigo, o questionário foi aplicado especificamente ao curador do Museu de Anatomia da UFPA com o intuito de diagnosticar os desafios enfrentados pelo museu, utilizando o diagnóstico de coleções (Coelho, 2024), elaborado pela Rede da UFPA (Lima, 2023b).

<b>DIVULGAÇÃO</b>	A coleção disponibiliza seus acervos na Internet?	Durante os últimos dois anos a maioria das coleções promoveu ações de disponibilização dos seus acervos na internet.	Acesso on line de acervos – diagnostica se a coleção disponibiliza seus acervos na Internet e de que forma esse acesso é feito. Aponta a existência e o formato de repositório digital de acervos.
	Existe política de divulgação das coleções?	A divulgação das coleções científicas não é planejada.	Entender se a prática da valoração/divulgação é planejada ou apenas ocorre dependendo de quem gere a coleção.

Figura 2 - Recorte da Tabela do Diagnóstico da sessão Divulgação. Fonte: Coelho, 2024.

<b>ACESSO</b>	Qual o número anual de visitantes?	Esse número tem o potencial de categorizar a instituição quanto ao seu impacto social e capacidade de diálogo com suas audiências.	Quantificar o acesso por visitantes a estas coleções, justificando sua existência, para a comunidade que lhe é dirigida.
	Como é realizada a medição desse número?	Os parâmetros de medição são simples e não coletam dados auxiliares	Comprovar que majoritariamente o acesso, quando é registrado ocorre por meio de assinatura do livro de visitantes.
	Como é realizada a recepção dos visitantes?	Raramente tem um profissional disponível para recepcionar os visitantes espontâneos.	Visualizar se existem soluções para a problemática dos poucos funcionários da coleção.
	Tem alguém disponível para tirar dúvidas?	As exposições onde estas coleções se encontram, normalmente não possuem equipe dedicada ao atendimento ao público.	Mostrar que os gestores das coleções atuam em todas as frentes e por isso nem sempre podem dar a atenção devida a todas as atividades.

Figura 3 - Recorte da Tabela do Diagnóstico da sessão Acesso. Fonte: Coelho, 2024.

A análise qualitativa é fundamental para identificar as problemáticas das coleções e museus com maior profundidade (Alves, 2020), enquanto a quantitativa contribui para uma avaliação mais abrangente e precisa, incluindo o número de coleções e aspectos como condições de preservação, relevância histórica e potencial de engajamento com o público (Lima, 2023a) permitindo assim, identificar análises objetivas e produtivas das gestões museológicas dos museus.

Por sua vez, o diagnóstico baseia-se na análise das hipóteses e objetivos de cada pergunta do questionário, tendo como parâmetro expectativas comparadas com a literatura museológica nacional e internacional (Lima, Coelho e Silva, no prelo).

A avaliação diagnóstica desenvolvida pela Rede da UFPA (Lima; Coelho, 2025; Coelho, 2024), foi aplicada especificamente nas seções relacionadas à Acesso e Divulgação. Essas áreas são fundamentais para compreender as condições de visibilidade e inclusão das coleções universitárias, permitindo uma análise direcionada sobre os desafios e oportunidades na comunicação e no acesso aos acervos. A abordagem proposta no diagnóstico fornece uma estrutura analítica relevante para avaliar como as coleções estão inseridas no contexto museológico e de que maneira podem ser aprimoradas para um público mais amplo. A combinação destes métodos permitiu à pesquisa deste artigo ser mais precisa no estudo da invisibilidade dos museus universitários.

## **A invisibilidade museológica**

Central das discussões deste artigo está a invisibilidade. Destaca-se que não será utilizado o termo apenas no sentido decolonial ou narrativo das curadorias museológicas, onde ele é descrito como ação que afeta segmentos da população marginalizados ou ausentes dos espaços museais (Brulon, 2020). No entanto, é reconhecido, que o pode se encaixar nesta análise, sobretudo ao considerar que, embora a invisibilidade do Museu de Anatomia da UFPA se limite, em grande parte, à ausência de políticas consistentes de divulgação, ela também pode ser compreendida dentro de um processo mais amplo de silenciamento, no qual determinadas narrativas e saberes acadêmicos deixam de ser valorizados e transmitidos. Assim, a inserção da perspectiva decolonial permite refletir que a invisibilidade museológica, além de um problema de comunicação institucional, conecta-se a mecanismos históricos de exclusão e apagamento de memórias, que fragilizam a circulação de diferentes vozes dentro da universidade e da sociedade.

A invisibilidade museológica aqui cunhada deve ser compreendida como a condição em que um museu ou coleção, apesar de sua existência e relevância acadêmica, científica e cultural, permanece desconhecido ou pouco acessível ao seu público potencial. Essa invisibilidade pode resultar de diversos fatores, como a ausência de políticas de divulgação eficazes, a restrição do público-alvo a um grupo específico, barreiras de acessibilidade e a falta de integração com a comunidade acadêmica e a sociedade. Apesar desses fatores identificáveis, não há informações claras sobre como se dá, de fato, a comunicação do museu com o público externo. Essa ausência de dados dificulta a compreensão das estratégias utilizadas, ou mesmo se há iniciativas voltadas especificamente para o diálogo com a comunidade fora do ambiente universitário. Quando um museu não consegue estabelecer um diálogo ativo com seus diferentes públicos, ele corre o risco de perder sua função social e tornar-se irrelevante no cenário cultural e educativo, levando a um gradual processo de esquecimento e desvalorização.

A invisibilidade museológica não afeta apenas a presença institucional de um museu, mas também compromete seu papel como guardião da memória coletiva. Museus universitários, como o Museu de Anatomia da UFPA, não apenas preservam acervos científicos, mas também armazenam e transmitem narrativas que conectam gerações de pesquisadores, docentes e estudantes. No entanto, quando um museu permanece desconhecido ou inacessível, essas memórias correm o risco de se perder, limitando seu impacto na formação identitária e cultural da comunidade acadêmica. De acordo com Joel Candau (2012), a memória é um processo social seletivo, no qual o que é lembrado e o que é esquecido está diretamente ligado aos mecanismos de visibilidade e valorização cultural. Assim, a ausência de acesso ao museu compromete a circulação das narrativas deste espaço preservadas, fragilizando os vínculos identitários que poderiam ser fortalecidos por meio da experiência museal. Nesse sentido, o apagamento simbólico causado pela invisibilidade institucional de certos museus pode ser entendido como uma forma de exclusão das memórias que eles resguardam. Candau (2012) destaca que a identidade é continuamente construída em interação com as memórias compartilhadas e reconhecidas

socialmente. Portanto, se essas memórias não são disseminadas, visitadas e apropriadas pelas comunidades às quais pertencem (como a comunidade acadêmica), enfraquece-se o potencial do museu como agente de construção identitária, educativa e cultural. Dessa forma, refletir sobre a invisibilidade museológica implica também discutir a relação entre os museus universitários e a construção da memória coletiva, reconhecendo-os como espaços de produção, ressignificação e compartilhamento de conhecimento.

Os museus precisam lidar com memórias coletivas e esquecimentos, ou seja, com representações consolidadas coletivamente. Eles podem ser compreendidos como instituições que têm sido cruciais na formação das identidades nacionais. A relação da identidade com o passado ou com a memória desse passado é complexa. Indivíduos constroem suas identidades mediante o uso da memória, e esta é indissociável, por exemplo, da linguagem, que é uma construção social que antecede a existência desses indivíduos. As memórias coletivas são uma forma de linguagem, são construções coletivas que antecedem os indivíduos (Abreu *et al.*, 2007). As memórias são essenciais para a construção da vida de uma sociedade e tais memórias de uns coletivos universitários têm a mesma importância, principalmente por tratar de conteúdo de cunho acadêmico. Assim, os conteúdos de pautas universitárias carregam a responsabilidade de preservar todos os conhecimentos que integram a universidade. Michael Pollak (1989) ressalta que a memória coletiva é marcada por disputas, silenciamentos e esquecimentos seletivos, e que sua preservação está diretamente relacionada às relações de poder e legitimidade. No contexto universitário, isso implica compreender que certas narrativas e experiências podem ser invisibilizadas ou desvalorizadas, enquanto outras são perpetuadas. Assim, cabe aos espaços institucionais, como os museus universitários, o papel estratégico de conservar, dar visibilidade e interpretar essas memórias, assegurando que o conhecimento acadêmico não seja fragmentado ou perdido diante das lógicas do esquecimento. Nesse sentido, ao reconhecer que a memória coletiva é atravessada por disputas e seletividades, como aponta Pollak (1989), torna-se evidente a importância de fortalecer os museus universitários como agentes ativos na preservação e valorização de múltiplas narrativas. Esses espaços devem assumir o compromisso de representar não apenas as versões oficiais ou hegemônicas do saber, mas também aquelas histórias silenciadas, periféricas ou negligenciadas no contexto acadêmico. Ao promover a inclusão de diferentes vozes e experiências, os museus contribuem para a construção de uma memória mais ampla, crítica e democrática, rompendo com a lógica do esquecimento e reafirmando seu papel como mediadores entre o conhecimento científico e a sociedade.

As coleções, presentes no Museu de Anatomia pertencem à comunidade acadêmica assim como também são das comunidades locais, mas este público local é pouco visto nos espaços museológicos. No século XIX, uma das grandes novidades dos museus modernos foi a abertura de suas coleções, que antes se destinavam apenas a uma aristocracia ilustrada, a grandes parcelas da população (Abreu *et al.*, 2007). Mas estes bens que tanto contam a história de uma sociedade não estão muitas vezes acessíveis para todos, segundo Abreu *et al.* (2007), antes do século XVIII

o museu era permitido de ser frequentado apenas pela aristocracia, mas agora é aberto a todos independente da classe. De acordo com a publicação da Portaria IBRAM nº 3135, de 20 de setembro de 2024, instituiu-se o Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória, “Acesse Museus”, que orienta a implementação de práticas inclusivas e anticapacitistas com o objetivo de garantir que museus sejam abertos a todos, independentemente de classe social ou condição física. Esse novo paradigma de democratização do patrimônio cultural representa uma virada fundamental para a sociedade contemporânea: os museus deixam de ser vistos como bastiões de elite e passam a atuar como espaços públicos que promovem o acesso à memória histórica, ao conhecimento e à identidade coletiva. A partir da Portaria 3135/2024, o museu se consolida como ambiente plural, produzido e usufruído por diversas camadas da população, fortalecendo processos educativos e culturais. Esse movimento reflete uma transformação significativa: os museus (ao estarem acessíveis a qualquer cidadão) passam a contribuir diretamente para a construção de uma narrativa pública mais inclusiva, participativa e representativa. A análise de Abreu *et al.* (2007) sobre a evolução dos museus modernos destaca a ampliação do acesso às coleções museológicas, que, antes restritas à aristocracia, passaram a ser abertas a parcelas mais amplas da sociedade. Essa mudança histórica representa um avanço no sentido da democratização do patrimônio cultural, que se aprofunda com iniciativas contemporâneas como a Portaria IBRAM nº 3135/2024. Ao instituir o Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória “Acesse Museus”, o IBRAM reafirma o compromisso dos museus com práticas inclusivas e anticapacitistas, garantindo o direito à cultura e à memória a todos os cidadãos, independentemente de classe social ou condição física. Assim, observa-se uma continuidade entre o processo histórico de abertura iniciado no século XIX e as políticas atuais de acessibilidade, que consolidam o museu como um espaço verdadeiramente público, plural e representativo da diversidade social.

Segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), há 3.789 museus no Brasil. 1001 deles compartilharam seus dados com a instituição e revelaram que, somados, o número de visitantes ficou perto de 32 milhões, durante o ano de 2017 (Germano, 2018). Durante a primeira visita ao Museu de Anatomia pode-se observar, a falta de visitantes neste espaço. Infere-se que os motivos que levam a esta situação podem ser: a falta de tempo, a ausência de divulgação, esses são apenas alguns dos motivos que podem distanciar o público do museu.

Constata-se também que museus universitários sofrem um tipo de apagamento maior comparado a outros museus, a instituição museológica acadêmica que é o Museu de Anatomia, por exemplo, acaba por ser frequentada apenas por estudantes dos cursos ao qual o museu integra, mas não em um número tão significativo. Um museu dentro da universidade não é somente um local de guarda de patrimônios universitários, também serve como campo de estudo para aulas práticas, mostrando assim sua função intrinsecamente conectada ao ensino e a pesquisa. Segundo Michael Pollak (1989), o esquecimento pode ocorrer como parte natural da dinâmica da memória social seletiva e inevitavelmente limitada. Já o apagamento se configura quando há uma ação

deliberada ou estrutural que impede a lembrança, a valorização e a circulação de certas memórias, impondo silêncios. No caso do Museu de Anatomia e de outros museus universitários, a restrição de público e a pouca visibilidade fora do ambiente acadêmico contribuem para um silenciamento institucional que limita o reconhecimento de seu valor cultural, educativo e científico. Entretanto, a parte da extensão se mostra negligenciada, pois para o público em geral, composto por indivíduos que não são estudantes do curso ou que não possuem vínculo acadêmico, esta instituição se torna ignorada, invisível. Apesar dos avanços proporcionados pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), especialmente no que diz respeito à ampliação do acesso ao ensino superior e à reestruturação curricular, a dimensão da extensão universitária ainda enfrenta limitações práticas em muitas instituições. O REUNI preconiza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reforçando o compromisso social da universidade com a democratização do conhecimento e com a aproximação de saberes acadêmicos e populares. No entanto, quando museus universitários, como o Museu de Anatomia da UFPA, não são efetivamente integrados em políticas de visibilidade externa e participação comunitária, ocorre um distanciamento entre a universidade e a sociedade. A ausência de ações sistemáticas que promovam o acesso e o envolvimento de públicos não acadêmicos configura uma falha na concretização dos princípios extensionistas, contribuindo para a manutenção da invisibilidade dessas instituições diante do público externo.

Os museus universitários desempenham um papel central na extensão universitária, pois são espaços privilegiados de produção e disseminação do conhecimento, promovendo a interação entre a universidade e a sociedade. Seu objetivo não é apenas preservar acervos e expor coleções, mas também educar, estimular a reflexão crítica e incentivar a participação social. Na extensão, os museus atuam como mediadores do conhecimento, oferecendo atividades que vão além do ambiente acadêmico e alcançam públicos diversos. O acervo do Museu de Anatomia, que poderia desempenhar um papel fundamental na democratização do saber ao tornar a ciência e a cultura acessíveis a todo o público, ainda não é plenamente direcionado para além da comunidade acadêmica, limitando seu alcance e potencial educativo. Além disso, cumprem um papel social ao valorizar e dialogar com o conhecimento popular, promovendo trocas de saberes e fortalecendo a inclusão de diferentes grupos na construção do conhecimento (Fernandes; Morates, 2019). Dessa forma, os museus universitários não apenas levam o conhecimento acadêmico para a sociedade, mas também permitem que a universidade aprenda com as experiências e saberes da comunidade, tornando-se agentes ativos de transformação social.

O que torna um museu invisível não é somente a sua localidade (o que por si já colabora para o seu afastamento), mas também sua falta de divulgação, interação com o público, a forma de como é (ou não é) planejada, pensada a exposição, formas atrativas de ter o público frequentando o espaço. Alguns museus, muitos universitários, vivem em função de seu acervo, mas deveriam viver em função da sociedade que estão inseridos. A ausência de visitantes da comunidade externa ao Museu de Anatomia da UFPA evidencia uma lacuna no diálogo entre a universidade e a

sociedade, apontando para a necessidade de fortalecimento das ações de extensão universitária. A limitação do acesso ao acervo exclusivamente para fins acadêmicos internos contribui para a manutenção de uma estrutura fechada, que contraria o princípio da universidade pública como promotora de conhecimento acessível e transformador. A extensão, nesse contexto, é o eixo capaz de articular o saber produzido com as demandas sociais, promovendo a democratização do conhecimento científico e a aproximação entre a instituição e a população em geral. Ao abrir suas portas para a comunidade, o museu pode se tornar um espaço de educação não formal, contribuindo para a formação cidadã, a valorização da ciência e o estímulo ao pensamento crítico. A anatomia, muitas vezes percebida como um campo restrito ao ambiente clínico ou acadêmico, pode ser ressignificada a partir de exposições, mediações culturais e ações educativas voltadas ao público diverso. Isso reforça o papel da universidade como agente de transformação social, conforme preconiza a extensão universitária, que visa integrar ensino, pesquisa e compromisso social. Portanto, a presença da comunidade no museu não deve ser vista como uma concessão, mas como um direito e uma oportunidade de construção mútua de saberes. Museus universitários diferem em dimensão e diversidade dos acervos, variando de centenas de milhares de itens até coleções bastante restritas e específicas, geralmente frutos de doações de antigos alunos ou professores (Silva, 2021). Mesmo com um fluxo moderado de visitantes e uma equipe suficiente para atender às demandas, os museus universitários continuam enfrentando invisibilidade. Isso ocorre porque um grande número de pessoas da própria universidade e do público externo ainda desconhece ou não frequenta esses espaços, evidenciando a necessidade de estratégias mais eficazes de divulgação e integração com a comunidade.

Deve-se incentivar o diálogo aberto com o público, os museus universitários assumiram, ao longo dos últimos anos, um importante papel na educação não formal. Da postura inicial de apenas "disponibilizar" conteúdo de história, ciência e cultura para escolas do sistema formal de ensino, os museus lentamente se transformaram, recriaram a linguagem expográfica, ampliaram a comunicação e as trocas com o público, abriram novas fontes de investigação, inventaram novas formas de construção do saber e aprenderam a interagir com a comunidade, passando a atuar com e não apenas para ela (Abreu *et al.*, 2007). Dessa forma, os museus universitários deveriam contar com mais recursos e suporte para ampliar sua visibilidade, alcançando não apenas os estudantes dos cursos diretamente relacionados a eles, mas também outros públicos. Como parte integrante das universidades, esses espaços desempenham um papel essencial ao viabilizar trabalhos acadêmicos e atividades interdisciplinares, contribuindo para a formação e a difusão do conhecimento.

No Museu de Anatomia da UFPA, a valoração da coleção é feita pelos funcionários, sem critérios formais estabelecidos. Silva (2017) afirma que a valoração tem como finalidade contribuir com um plano de emergência que se fundamente no conhecimento das coleções e seus valores para que se possa identificar os pontos vulneráveis em situações de emergência, como incêndios, e fornecer um plano de recuperação, tendo como premissa que nem tudo poderá ser conservado.

Isso pode indicar uma abordagem subjetiva, dependente do conhecimento e experiência da equipe, o que pode afetar a padronização e reconhecimento institucional da coleção. No campo do patrimônio cultural, a questão do valor sempre esteve presente, sendo evidenciada como justificativa para a sua preservação ou omissão (Tavares *et al.*, 2022). No contexto do Museu de Anatomia, essa falta de padronização pode significar que determinadas peças ou segmentos do acervo não recebam a devida atenção, seja na sua conservação, seja na sua exposição e divulgação. Conseqüentemente, a invisibilidade do museu se acentua, pois sem um reconhecimento institucional estruturado, o espaço perde relevância no cenário acadêmico e na sociedade, reduzindo seu impacto e limitando seu potencial educativo e patrimonial.

A invisibilidade museológica, o apagamento institucional, as memórias coletivas e o papel da extensão universitária estão interligados na construção da relevância dos museus dentro e fora da academia. Quando um museu enfrenta desafios de visibilidade, seu impacto na preservação e disseminação da memória coletiva é comprometido, tornando-se um espaço subutilizado e desconectado da comunidade. No contexto universitário, a extensão surge como uma ferramenta essencial para reverter este quadro, promovendo o diálogo entre o museu e a sociedade. No entanto, para que essas estratégias sejam efetivas, é fundamental compreender os desafios específicos enfrentados pelo Museu de Anatomia da UFPA. Assim, a seguir, apresentamos a análise dos dados coletados, que permite identificar as fragilidades e oportunidades para ampliar sua visibilidade, acessibilidade e impacto social.

### **O Museu de Anatomia, o acesso e a divulgação**

O Museu de Anatomia Humana Professor Doutor Manuel da Silva Braga, inaugurado em 1982, abriga uma coleção didática composta por modelos anatômicos, por painéis, por material humano seco e por material humano preservado em meio líquido. Entretanto, por uma série de fatores, esse museu estava fora de funcionamento, quando, em 2002, reiniciou suas atividades acadêmicas, priorizando, em um primeiro momento, a qualificação de estudantes de graduação para o ensino-aprendizagem de Anatomia Humana (Vallinoto *et al.* 2004). Foi reinaugurado em 2016, após diversas reformas e aprimoramentos no Laboratório de Anatomia Humana e Funcional, caracteriza-se por ter um acervo eminentemente didático, com modelos anatômicos que reproduzem as cores e os detalhes de órgãos internos, os tecidos, os ossos, as células e as fases embrionárias. O espaço do museu é uma sala com vitrines e expositores que contém material biológico e representações plásticas da anatomia humana, além dos ossos e fetos (Santos, 2018).



Figura 4 - Museu de Anatomia Humana - Porta de entrada e placa de identificação do museu. Fonte: Colagem, Autoras, 2025.



Figura 5 - Museu de Anatomia Humana. Fonte: Autoras, 2025

Em Belém há o Museu de Anatomia da UFPA, e a cidade também abriga o Museu da Medicina Paraense, voltado à preservação da memória e da história da prática médica na região. No entanto, entre essas instituições, apenas o Museu de Anatomia da UFPA se configura como o único espaço museológico que abriga especificamente peças anatômicas em sua exposição. Essa particularidade o torna uma referência singular no estado no que diz respeito à conservação e à divulgação de acervos relacionados ao corpo humano, tanto para fins educativos quanto científicos.

Durante a análise do material levantado pela aplicação do questionário e subsequente diagnóstico da coleção, nota-se que a questão de acesso ao público é primordial na gestão deste espaço museológico. Neste artigo, abordaremos a questão da acessibilidade sob a perspectiva do acesso, sem necessariamente nos aprofundarmos nos conceitos tradicionais de acessibilidade física, comunicacional, atitudinal ou intelectual. Nosso foco está na ampliação da visibilidade e no fortalecimento das conexões entre o Museu de Anatomia da UFPA e seus públicos, garantindo que a informação e os acervos estejam disponíveis para todos, incluindo aqueles que não enfrentam barreiras estruturais ou sensoriais. Assim, entendemos o acesso como um elemento essencial para democratizar o conhecimento e tornar os museus universitários mais integrados à comunidade acadêmica e à sociedade. Reconhecemos que as diferentes dimensões da acessibilidade já mencionadas, são fundamentais para garantir a inclusão plena nos espaços museológicos. No entanto, é importante destacar que este artigo não tem como foco central a análise aprofundada dessas categorias. A proposta aqui é refletir sobre a acessibilidade a partir da perspectiva do acesso simbólico e social aos museus universitários, considerando especialmente as barreiras que limitam a aproximação do público, em especial o não acadêmico, a esses espaços de conhecimento e memória.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), criado pela Lei nº. 11.906, de 20 de janeiro de 2009, com a missão de atender à legislação vigente e permitir a interação de todas as pessoas com os museus, desde a sua criação, tem incluído em seus Planos de Ação anuais o Programa Museus e Acessibilidade, em cujo âmbito vem desenvolvendo ações voltadas à acessibilidade, assumindo sua responsabilidade perante a inclusão dos mais diferentes públicos (Cohen; Duarte; Brasileiro, 2012). Vemos então que a questão do acesso é uma diretriz nacional. Embora o espaço físico do Museu de Anatomia esteja adaptado, não há iniciativas como audiodescrição, materiais táteis ou visitas guiadas para públicos com deficiência, o que pode limitar a inclusão de diversos grupos. O ambiente deve ser projetado para oferecer ajuda e acessibilidade a todos os públicos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, cognitivas ou motoras. É essencial que cada indivíduo, seja ele portador ou não de deficiência, encontre recursos que promovam sua inclusão.

Durante a entrevista, o responsável pelo espaço, Ronaldo Correia da Silva, sendo professor da universidade, docente efetivo e Coordenador do Laboratório de Anatomia e do museu, informou que a acessibilidade no Museu de Anatomia da UFPA se limita ao local onde a coleção está exposta. Além de ser um espaço reduzido, a acessibilidade não foi planejada de forma abrangente, o que compromete a experiência dos visitantes e dificulta o acesso de diferentes públicos, especialmente pessoas com deficiência. Muitas vezes, os espaços disponibilizados para abrigar museus universitários não são os mais recomendados em termos de estrutura e dimensões, sendo limitados tanto pelo tamanho físico quanto pelas restrições orçamentárias das instituições. Em função disso, é comum que os ambientes sejam adaptados pelos próprios funcionários, que, com os recursos disponíveis, buscam organizar os acervos e conteúdo de forma a garantir sua preservação e

exposição. Essa realidade, embora revele o esforço e o compromisso das equipes envolvidas, também evidencia a ausência de políticas institucionais mais robustas voltadas à infraestrutura adequada e à valorização desses espaços. A ausência de estratégias para promover a acessibilidade em outros ambientes do museu, aliada à escassez de recursos expositivos, contribui para a redução do fluxo de visitantes, limitando o potencial do museu como um espaço educativo, cultural e inclusivo.

Se estamos discutindo o acesso ao Museu de Anatomia, é fundamental refletir sobre seu público-alvo e como ele se relaciona com o espaço. Compreender quem são os visitantes frequentes, quais são suas motivações e quais barreiras podem existir para novos públicos é essencial para ampliar a visibilidade e a função educativa do museu (Mano et al., 2022). O Museu de Anatomia é majoritariamente frequentado pelos próprios estudantes da instituição e das proximidades, especialmente aqueles que trazem aulas práticas para complementar sua formação acadêmica. Com mais de 1000 visitantes anuais, a coleção apresenta uma boa taxa de interesse, porém, visitas individuais não são contabilizadas, o que pode gerar um subdimensionamento da real demanda. Os dados referentes às visitas ao Museu de Anatomia são apresentados de forma geral, sem a devida especificidade quanto ao perfil detalhado dos visitantes. Embora se registre um número expressivo de mais de 1000 visitantes anuais, essa quantificação não distingue, por exemplo, entre visitas individuais e em grupo, nem fornece informações precisas sobre a frequência de retorno ou o nível de interesse por parte dos diferentes públicos. Essa ausência de dados mais segmentados pode comprometer a análise da real demanda pelo acervo, dificultando a elaboração de estratégias mais eficazes de divulgação e de aprimoramento da experiência museológica.

Além disso, o espaço recebe visitas de estudantes de escolas externas ao campus, por meio de agendamento, no entanto, a instituição enfrenta uma limitação significativa, não há um sistema formal para registrar a quantidade e qualidade de visitantes, sejam eles acadêmicos ou de outras origens. Isso pode limitar o atendimento ao público geral, que visita de forma espontânea. Atuando na Rede da UFPA, foi possível notar que o único controle de visita que o museu tem são de idas escolares de fora do campus, que são marcadas através do contato pelo site do museu. A ausência de um livro de registro de visitantes espontâneos, dificulta o monitoramento do fluxo de visitantes e a análise de dados relevantes para a gestão do museu.

O monitoramento dos visitantes (Figura 4) em museus de ciência representa uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e evolução dessas instituições culturais. Esta prática vai muito além da simples contagem de visitantes, constituindo-se em um elemento essencial para a democratização da cultura científica e o fortalecimento da função social destas instituições. O monitoramento institucional desempenha um papel fundamental na avaliação do desempenho dos museus, permitindo a análise de dados estatísticos, a identificação de padrões de visita e a avaliação da eficácia de exposições e programas (Pozenato et al., 2016).

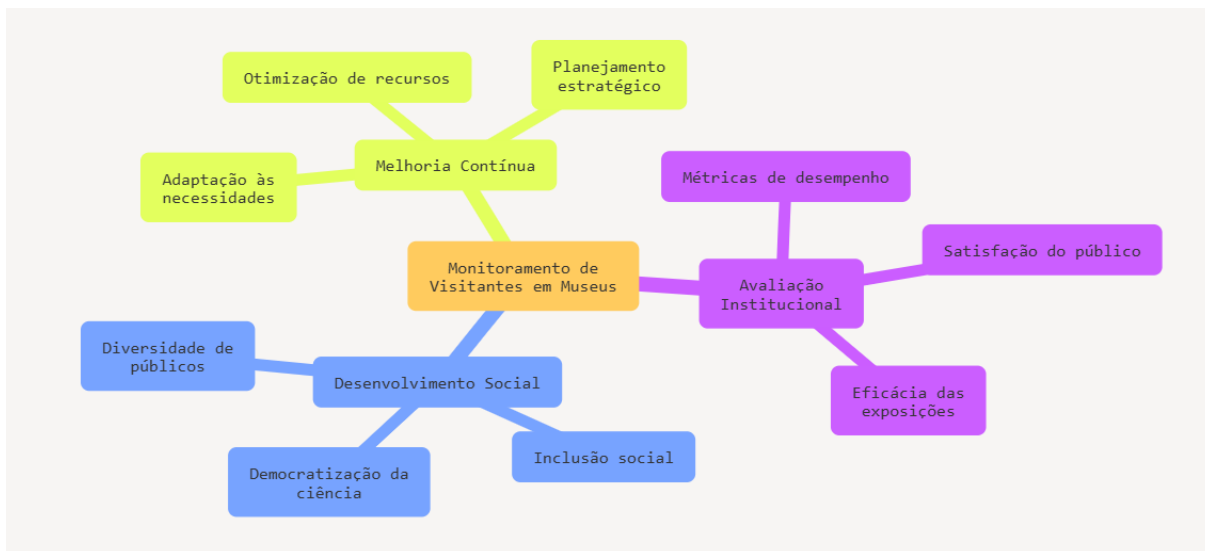


Figura 6 - Monitoramento de visitantes. Fonte: as autoras, 2025.

Além de contribuir para a gestão estratégica, essa prática fortalece o desenvolvimento social, evidenciado pelo aumento da diversidade entre os visitantes e pela necessidade de combater a exclusão. O acompanhamento contínuo possibilita adaptações às demandas do público, identificação de áreas que precisam de melhorias e a formulação de estratégias para ampliar a acessibilidade (Pozenato *et al.*, 2016). Para maximizar sua efetividade, é essencial implementar sistemas de coleta sistemática de dados, por isso deveria existir uma equipe para esta tarefa, realizar análises periódicas, utilizar os resultados para decisões institucionais e fomentar o compartilhamento de conhecimento entre museus. Dessa forma, o monitoramento fortalece o papel dos museus como espaços de educação, inclusão e desenvolvimento cultural.

Compreender o público de um museu vai além de quantificar visitantes. Trata-se de estabelecer conexões significativas que fortaleçam o vínculo entre a instituição e a sociedade. Ao conhecer quem frequenta o espaço, suas expectativas e necessidades, torna-se possível desenvolver estratégias mais eficazes de comunicação e engajamento, criando elos que incentivam a participação contínua. Dessa forma, o museu deixa de ser apenas um local de exposição e passa a atuar como um espaço dinâmico de troca, pertencimento e construção coletiva do conhecimento.

Para que um museu cumpra plenamente seu papel educativo e cultural, é essencial que ofereça um espaço receptivo e acolhedor, capaz de despertar a curiosidade e o interesse contínuo dos visitantes. Mais do que apenas disponibilizar acesso ao acervo, o museu deve criar uma experiência envolvente, promovendo interações que estimulem a descoberta e incentivem o retorno do público (Tucherman; Cavalcanti, 2010). Dessa forma, um ambiente bem planejado não apenas amplia o alcance do museu, mas também fortalece seu vínculo com a comunidade, tornando-se um espaço dinâmico de aprendizado e troca de conhecimento.

A comunicação do acervo ocorre por meio de sistemas anatômicos, sugerindo uma abordagem mais científica e voltada para especialistas, o que pode restringir a compreensão de públicos mais amplos. Essa abordagem restrita à linguagem científica limita o acesso e a

compreensão de visitantes que não possuem formação na área da saúde, como estudantes de outras disciplinas ou o público em geral. Com isso, perde-se a oportunidade de democratizar o conhecimento anatômico e de despertar o interesse de diferentes perfis de público, que poderiam se beneficiar de uma comunicação mais acessível e inclusiva. Alguns visitantes e membros da Rede da UFPA, relataram que a exposição dos exemplares anatômicos desperta interesse imediato pelo funcionamento do corpo humano e animal, motivando perguntas e reflexões. Além disso, o contato direto com peças reais e sintéticas amplia a compreensão de conceitos teóricos abordados em sala de aula, tornando o aprendizado mais concreto e envolvente. No entanto, a experiência poderia ser potencializada com estratégias mais dinâmicas de mediação e interatividade, ampliando o alcance do museu para públicos diversos. Essa percepção reforça a necessidade de aprimorar ações que estimulem a curiosidade e promovam uma maior conexão entre o museu e seus visitantes, tornando a experiência ainda mais significativa e impactante. As determinações da CAPES e do CNPq direcionam os programas de pós-graduação da UFPA a integrarem ensino, pesquisa e extensão de maneira articulada, incentivando a produção de conhecimento que dialogue com a sociedade e gere impacto além dos limites acadêmicos. Muitos desses programas estão vinculados aos mesmos departamentos que administram museus e coleções universitárias, o que representa uma oportunidade estratégica para fortalecer a atuação desses espaços como ambientes vivos de educação, inovação e divulgação científica. Quando orientações institucionais e agências de fomento priorizam a relevância social da pesquisa, criam-se condições para que os museus universitários deixem de ser apenas depósitos de acervos e se tornem polos de mediação ativa entre ciência e sociedade. Nesse cenário, a inserção de discentes e docentes de pós-graduação nas atividades museológicas pode contribuir diretamente para o desenvolvimento de projetos de extensão qualificados, voltados à promoção de experiências interativas e metodologias inclusivas. A exigência por impacto social nas avaliações dos programas, conforme os critérios da CAPES e do CNPq, também impõe o desafio de ampliar o acesso e o alcance das produções científicas, o que inclui pensar o museu como plataforma de difusão do conhecimento. Assim, ao alinhar suas práticas às exigências das políticas de pós-graduação, os museus universitários podem se beneficiar de um fluxo contínuo de pesquisa aplicada e de formação crítica, elevando a qualidade da experiência museal e fortalecendo seu papel na construção de uma ciência socialmente engajada.

O Museu de Anatomia da UFPA possui uma peculiaridade significativa: a exposição de partes humanas, que pode ser considerada um conteúdo sensível para alguns visitantes. O acervo do museu inclui peças de anatomia humana e animal, algumas das quais são de difícil visualização para aqueles não acostumados com o ambiente científico. Embora essas exposições sejam fundamentais para o aprendizado e compreensão dos processos anatômicos, elas exigem cuidados especiais na apresentação, comunicação e mediação com o público, a fim de garantir que a experiência seja respeitosa e educativa. É necessário um trabalho cuidadoso para sensibilizar os

visitantes sobre o valor científico e pedagógico dessas peças, assegurando que o contato com elas ocorra de forma consciente e reflexiva.

A presença de remanescentes humanos em museus universitários, como é o caso do Museu de Anatomia da UFPA, levanta importantes questões éticas e museológicas, que envolvem tanto a preservação do acervo quanto o respeito à dignidade humana. Segundo Closs, Lima e Veras (2022), é imprescindível considerar que essas coleções não são apenas objetos de estudo científico, mas também vestígios de existências humanas que merecem ser tratadas com ética, sensibilidade e responsabilidade institucional. A forma como esses materiais são armazenados, expostos e interpretados deve refletir um compromisso com a memória e a história dos indivíduos representados, além de respeitar os princípios de consentimento, contexto e finalidade educativa. Nesse sentido, a museologia se une à bioética para estabelecer diretrizes que orientem o uso pedagógico dessas peças, sem desconsiderar seus aspectos simbólicos e afetivos. A mediação em exposições que envolvem partes humanas requer um cuidado especial na comunicação museal, de modo a evitar a espetacularização ou o desconforto desnecessário. Como indicam os autores, é necessário promover estratégias interpretativas que considerem as múltiplas reações do público, oferecendo informações claras e contextualizadas que favoreçam uma experiência educativa crítica e respeitosa (CLOSS; LIMA; VERAS, 2022). A interseção entre Museologia e Medicina, nesse contexto, revela a importância de práticas curatoriais éticas, que conciliem o valor científico dos remanescentes humanos com sua dimensão social e histórica. Assim, o museu se fortalece como espaço de aprendizagem, mas também como lugar de reflexão sobre a vida, a morte e os limites do conhecimento científico.

A exposição de partes humanas envolve desafios éticos e museológicos que exigem diretrizes claras para garantir o respeito à dignidade dos indivíduos cujos restos mortais são utilizados para fins científicos e educativos. Closs, Lima e Veras (2024) destacam que a manutenção e exibição desses acervos devem estar alinhadas a princípios éticos que considerem o consentimento, a representatividade e a acessibilidade, além de seguirem normativas de conservação adequadas. A interseção entre museologia e medicina demanda um olhar crítico sobre a forma como essas coleções são apresentadas ao público, garantindo que sua utilização pedagógica e expositiva ocorra de maneira respeitosa e informada, promovendo a reflexão sobre a história das práticas anatômicas e a valorização da memória científica.

A ausência de uma análise sistemática sobre o impacto do acesso digital ao acervo do Museu de Anatomia compromete a compreensão do alcance e da efetividade das estratégias de comunicação e divulgação. Sem dados concretos sobre o perfil dos usuários e a forma como interagem com o acervo online, torna-se difícil ajustar e aprimorar as iniciativas voltadas à ampliação do público. A coleção utiliza o site institucional, o que sugere um foco no público online, mas não há redes digitais (como *Instagram* e *Facebook*), dificultando o acesso maior com o público. As redes digitais possuem formas ativas de comunicação porque as tecnologias digitais têm potencial e ajudam a transmitir informações em redes, oportunizando conteúdos e mensagens para a recepção

com velocidade estrondosa (Costa; Alves, 2024). Sem essas ferramentas, o museu deixa de atrair mais visitantes, a falta de outros canais de divulgação, como materiais impressos, reduz o alcance a diferentes públicos. A carência de mostras temporárias e de mediações variadas também freia a ampliação da audiência e a visibilidade das coleções, dificultando elevar o patamar do museu.

Segundo os dados coletados na entrevista, existe no Museu de Anatomia, uma política formal de divulgação, e a coleção utiliza um site institucional atualizado, além de mídia social como YouTube. Isso demonstra um esforço para ampliar a visibilidade, mas a falta de critérios formais para valoração pode impactar a comunicação da relevância do acervo. O que torna partes da comunicação ineficazes para a comunidade. Ressaltamos, entretanto, que não há documentos formais que regulam tal política, de forma que o que foi percebido pelo curador como uma política é melhor caracterizado como práticas contínuas.

A digitalização dos acervos e a utilização das mídias sociais têm transformado a comunicação museológica, proporcionando novas possibilidades de interação com o público e ampliando o alcance dos museus para além dos seus espaços físicos. Segundo Chaves e Morigi (2018), a revolução tecno-informacional possibilitou a construção de uma sociedade em rede, onde os museus podem se beneficiar das tecnologias digitais para expandir sua acessibilidade e difusão do conhecimento. O uso estratégico dessas ferramentas permite que os acervos sejam preservados em suportes digitais e que o público tenha maior autonomia na forma de acessar e interpretar o patrimônio cultural. No entanto, para que essa democratização do acesso seja eficaz, é necessário que as instituições adotem políticas estruturadas<sup>3</sup> de comunicação, garantindo que a inclusão digital também fortaleça o engajamento e a relevância dos museus dentro do contexto social contemporâneo (Chaves; Morigi, 2018). Para que o Museu de Anatomia possa expandir sua visibilidade e cumprir seu papel educativo e científico, é essencial implementar mecanismos de avaliação do impacto do acervo digital, permitindo a adaptação das ações institucionais conforme as demandas do público.

A digitalização do acervo do Museu de Anatomia da UFPA amplia seu alcance e potencializa a difusão do conhecimento, permitindo que um público maior tenha acesso às coleções. No entanto, essa iniciativa esbarra em desafios relacionados ao direito de imagem, uma vez que a ausência de diretrizes claras pode restringir o uso e a reprodução do material digitalizado. Sem políticas definidas, o compartilhamento de imagens para fins educativos e científicos torna-se limitado, comprometendo a acessibilidade e a visibilidade do museu. A coleção não possui direito de imagem sobre o acervo, o que pode gerar restrições na produção de conteúdo para divulgação e até no uso educativo e acadêmico dos materiais disponibilizados. A ausência de direito de imagem sobre o acervo composto por tecidos e partes humanas impõe limites éticos e legais que devem ser cuidadosamente considerados por instituições museológicas e acadêmicas. Quando se trata da

---

<sup>3</sup> Atualmente na UFPA não há políticas de incentivo e manutenção dos equipamentos museológicos, o que há, está diretamente voltado a laboratórios. De forma que as ações práticas no âmbito de políticas institucionais são frutos da adaptação da gestão atual.

exposição ou uso de remanescentes humanos, mesmo em contextos científicos e educativos, é imprescindível observar o que estabelece o Código Penal brasileiro, especialmente o artigo 212, que trata do crime de vilipêndio a cadáver. Segundo esse artigo, constitui crime “vilipendiar cadáver ou suas cinzas”, com pena prevista de reclusão de um a três anos e multa (Brasil, 1940). Isso significa que qualquer forma de exposição que possa ser interpretada como desrespeitosa ou degradante está sujeita a sanções penais, independentemente da finalidade do uso. Portanto, as coleções compostas por tecidos humanos, geralmente sob guarda de instituições governamentais ou universitárias, devem operar dentro de um marco ético-jurídico rigoroso, que assegure a dignidade dos corpos preservados. Mesmo ações de divulgação científica ou educativa precisam ser pautadas por critérios de consentimento, anonimato e respeito à memória humana. Assim, a regulamentação da exposição de corpos e partes humanas não se limita às normas internas das instituições, mas é, em última instância, regida por legislações que visam proteger a integridade dos falecidos e a sensibilidade do público. Essa condição reforça a necessidade de diretrizes claras quanto à mediação, registro e reprodução de imagens dessas coleções, especialmente quando utilizadas em atividades de ensino, pesquisa ou divulgação. No cerne da questão dos direitos autorais, conforme pode ser percebido na atual legislação brasileira, está a relação entre autor e obra e suas implicações. Essa relação entre autor e obra, não apenas na legislação, mas, de modo geral, pelo senso comum, é tida como algo natural, evidente (Amud *et al.* 2011). A ausência de direitos de imagem sobre o acervo pode gerar restrições significativas na produção de conteúdo para divulgação e no uso educativo e acadêmico dos materiais disponibilizados. Segundo Valente e Freitas (2017), o direito autoral estabelece diretrizes específicas para a utilização e reprodução de obras protegidas, o que impacta diretamente as instituições de memória, como museus e arquivos. Sem uma política clara de licenciamento e cessão de direitos, o museu pode enfrentar desafios ao compartilhar imagens de seu acervo, dificultando sua disseminação e limitando o acesso público. Além disso, o Manual de Direito Autoral para Museus, Arquivos e Bibliotecas aponta que, mesmo quando as obras estão em domínio público, a reprodução de imagens pode envolver direitos morais dos autores ou detentores originais (Valente; Freitas, 2017). Isso significa que, ainda que a coleção esteja acessível digitalmente, sua reutilização pode ser restringida, afetando sua função educativa e científica. Para mitigar essas limitações, é fundamental que a instituição desenvolva diretrizes de licenciamento e políticas de uso aberto, como as licenças *Creative Commons*, que permitem maior flexibilidade na reutilização do material. O conceito de *OpenGLAM* (*Open Galleries, Libraries, Archives, and Museums*) propõe a adoção de políticas de acesso aberto para democratizar a informação e ampliar o alcance do patrimônio cultural (Valente; Freitas, 2017). Portanto, sem um modelo de gestão que contemple esses aspectos legais, a instituição corre o risco de restringir sua própria atuação e dificultar a difusão do conhecimento sobre seu acervo, limitando sua relevância social.

## Considerações Gerais

A análise da invisibilidade do Museu de Anatomia da UFPA revelou que essa problemática está associada a diversos fatores incluindo a falta de uma política estruturada de divulgação, a restrição do público primário voltado a alunos da área da saúde negligenciando o público secundário que são alunos de outras áreas, a ausência de iniciativas de acessibilidade, está sendo um assunto de suma importância, não é o foco desta pesquisa, mas é uma análise futura, e a inexistência de critérios formais para valoração do acervo. Embora o museu disponha de um site institucional atualizado e utilize mídias digitais, a comunicação ainda é limitada e não há um planejamento efetivo para ampliar o engajamento com diferentes públicos.

Os resultados indicam que a ausência de direitos de imagem sobre o acervo restringe a produção de conteúdo para divulgação e uso acadêmico, reduzindo o potencial do museu enquanto ferramenta educativa e de preservação da memória científica. Além disso, a falta de um sistema formal de medição do número de visitantes dificulta a análise precisa da demanda e do impacto do museu dentro e fora da universidade.

No que se refere ao acesso, observou-se que visitas individuais não são contabilizadas e que a recepção ocorre apenas para grupos previamente agendados, acompanhados por um professor. Isso limita a interação do público espontâneo e reforça a necessidade de repensar estratégias que tornem o espaço mais acessível e dinâmico. Do ponto de vista da acessibilidade, a estrutura física do museu é adaptada, mas não há atividades planejadas para públicos com necessidades específicas, o que restringe o alcance da instituição.

Diante desse cenário, o artigo evidencia a necessidade de implementar estratégias que fortaleçam a visibilidade do Museu de Anatomia, tornando-o um espaço mais acessível, interativo e atrativo para diferentes públicos. A Rede de Coleções e Museus da UFPA surge como uma ferramenta essencial para identificar fragilidades e propor soluções que aprimorem a gestão, a conservação e a comunicação dos acervos universitários. A Rede de Coleções e Museus da UFPA, auxilia as instituições que abrigam museus/coleções universitárias, a visibilizar essas, a fim de terem o papel ativo a serviço da comunidade e gerando assim valoração a estes espaços acadêmicos que preservam a memória tanto dos estudos como cultural.

Destaca-se o papel fundamental das museólogas na organização, preservação e divulgação dessas coleções. O fortalecimento do museu passa, necessariamente, pelo reconhecimento da importância da gestão museológica dentro do ambiente universitário. Com a aplicação das recomendações apontadas neste estudo, o Museu de Anatomia pode ampliar seu impacto acadêmico e social, contribuindo de forma mais efetiva para a disseminação do conhecimento científico e para a valorização do patrimônio universitário.

Este trabalho contribui para a compreensão da invisibilidade das coleções universitárias na UFPA ao identificar os principais fatores que limitam seu reconhecimento e impacto, com foco no Museu de Anatomia. A partir da análise realizada com base na metodologia diagnóstica da Rede de Coleções e Museus da UFPA, evidenciou-se que a baixa visibilidade do museu está diretamente

relacionada à ausência de uma política formal de divulgação, à restrição do público-alvo, à falta de planejamento para acessibilidade e à inexistência de um sistema estruturado de monitoramento de visitas. Além disso, a pesquisa destacou a necessidade de estratégias mais eficazes para ampliar a interação com diferentes públicos e fortalecer o papel das museólogas na gestão e comunicação dos acervos. Assim, este estudo não apenas mapeia os desafios enfrentados, mas também propõe direções para tornar as coleções universitárias mais acessíveis, visíveis e integradas à comunidade acadêmica e à sociedade.

## Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond; MinC/IPHAN/DEMU, 2007. Disponível em: [http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/21-museus-colecoes\\_e\\_patrimonios-narrativas\\_polifonicas.pdf](http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/21-museus-colecoes_e_patrimonios-narrativas_polifonicas.pdf). Acesso em: 15 fev. 2025.

ALFAIA, Thales; ÓZIMO NETO, (ed.). Museu Virtual: anatomia humana e funcional. Anatomia Humana e Funcional. 2025. Disponível em: <https://museuvirtual.wixsite.com/ufpa/museu-de-anatomia>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ALMEIDA, A. M. **Museus e coleções universitários**: por que museus de arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2001.tde-10092003-160231>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ALVES, J. R.. **Avaliação para gestão de coleções em museus**: uma proposta de indicadores de desempenho com base na norma spectrum. 2020. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2020. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/131189/4/434219.pdf> . Acesso em 12 de fev. 2025

ALVES, Thamilis Leite Rufino. **Museus e coleções universitárias e a relação com o curso de museologia**: o caso da universidade de Brasília. Monografia (Especialização) - Curso de Graduação em Museologia, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília/Df, p. 80. 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23590/1/2017\\_ThamilisLeiteRufinoAlves\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23590/1/2017_ThamilisLeiteRufinoAlves_tcc.pdf) . Acesso em 12 de fev. 2025.

AMUD, Andre Botelho ; QUEIROZ, Eneida Quadros; SANTOS, Robson; GOMES, Sandro dos Santos; ROCHA, Vitor Rogerio Oliveira. **Os Direitos Autorais e os Museus**: o Caso Brasileiro. Cadernos de Sociomuseologia, v. 41, n. 41, 17 Mar. 2012. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2726>. Acesso em 12 de fev. 2025.

BRASIL. Decreto-Lei n. 2.848, de 07 de dezembro de 1940 (Código Penal). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em: 6 set. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Portaria nº 3.135, de 20 de setembro de 2024. Dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória – “Acesse Museus”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20 set. 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-3135-de-20-de-setembro-de-2024?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-3135-de-20-de-setembro-de-2024?utm_source=chatgpt.com) . Acesso em: 08 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2007. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-)

[2010/2007/decreto/d6096.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%206.096%2C%20DE%2024.9%20de%20janeiro%20de%202001%2C](http://2010/2007/decreto/d6096.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%206.096%2C%20DE%2024.9%20de%20janeiro%20de%202001%2C) . Acesso em: 08 jul. 2025.

**BRASIL. Universidade Federal de Campina Grande. Comitê de Resíduos Sólidos. Gestão integrada de resíduos: universidade e comunidade. Volume 4 – 8º ISRMU.** Campina Grande: Realce Gráfica, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/33802/GEST%C3%83O+INTEGRADA+DE+RES%C3%84DUOS+UNIVERSIDADE+E+COMUNIDADE+V.4+-+8%BA+ISRMU+E-BOOK+2018> .pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

BRULON, B. **Descolonizar o pensamento museológico:** reintegrando a matéria para re-pensar os museus. 2020. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 28, p. 1–30, 2020. DOI: 10.1590/1982-02672020v28e1. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/155323>. Acesso em: 14 fev. 2025.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/587222438/pdfcoffee-com-candau-joel-memoria-e-identidade-pdf-free> . Acesso em: 10 jul. 2025.

CHAVES, Rafael; MORIGI, Valdir. **Os impactos dos usos das mídias sociais em museus.** In: Encontro Regional Sul De História Da Mídia, 7 – Alcar Sul, 2018, Santa Maria, RS. Anais [...]. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196241/001094014.pdf?sequence>. Acesso em: 14 fev. 2025.

CLOSS, José Guilherme Veras; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; VERAS, Mariana Matera. **Práticas e ética na manutenção de coleções científicas universitárias: uma análise da intersecção entre Museologia e Medicina.** 2024. Disponível em: [https://www.academia.edu/125572148/Pr%C3%A1ticas\\_e\\_%C3%89tica\\_na\\_Manuten%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Cole%C3%A7%C3%B5es\\_Cient%C3%ADficas\\_Universit%C3%A1rias\\_Uma\\_An%C3%A1lise\\_da\\_Intersec%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_Museologia\\_e\\_Medicina](https://www.academia.edu/125572148/Pr%C3%A1ticas_e_%C3%89tica_na_Manuten%C3%A7%C3%A3o_de_Cole%C3%A7%C3%B5es_Cient%C3%ADficas_Universit%C3%A1rias_Uma_An%C3%A1lise_da_Intersec%C3%A7%C3%A3o_entre_Museologia_e_Medicina). Acesso em: 15 fev. 2025.

COELHO, Yasmin Correa. **Diagnóstico de coleções universitárias:** uma metodologia de gestão museológica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Bacharel em Museologia, Universidade Federal do Pará. 2024. Disponível em: <https://rededecolecoes.ufpa.br/wp-content/uploads/2024/10/Coelho.-2024.-Diagnostico-de-colecoes-universitarias-TC-21.10.2024.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice (org.). **Acessibilidade a museus.** Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. p.190. Disponível em: [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade\\_a\\_museu\\_miolo.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf). Acesso em: 15 fev. 2025.

COSTA, Mônica de Macedo; ALVES, Elias. O uso das mídias digitais: desafios no monitoramento e orientação de alunos no ensino fundamental II nas escolas públicas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 7, p. 82–91, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i7.14708. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14708>. Acesso em: 30 jan. 2025.

FERNANDES, A. P.; MORALES, L. A. O papel dos museus na Extensão Universitária: o Museu de Ciências Naturais da UFRGS. **Revista da Extensão**, Porto Alegre, n. 17, p. 35–42, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/90767>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GERMANO, Felipe. **O mapa interativo dos museus brasileiros.** Super Interessante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-mapa-interativo-dos-museus-brasileiros/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

ICOM Brasil. *Nova definição de museu*. São Paulo: ICOM Brasil, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/> . Acesso em: 23 set. 2025.

LATOURE, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/syRT4DKyNQYzjbfLh95J85q/> . Acesso em: 08 jul. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Rede de Coleções e Museus da UFPA. Plano de Trabalho vinculado a Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais, Curso de Museologia, Belém, 2023a.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. **REDE DE MUSEUS E COLEÇÕES DA UFPA**: uma metodologia para levantamento de coleções museológicas universitárias, na Amazônia. In: VII Fórum permanente de museus universitários “30 anos depois para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias?”, 8., 2023, Rio de Janeiro. Artigo. Rio de Janeiro: VII Fórum Permanente de Museus Universitários, 2023b. p. 71-71. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373629992\\_REDE\\_DE\\_MUSEUS\\_E\\_COLECOES\\_DA\\_UFPA\\_UMA\\_METODOLOGIA\\_PARA\\_LEVANTAMENTO\\_DE\\_COLECOES\\_MUSEOLOGICAS\\_UNIVERSITARIAS\\_NA\\_AMAZONIA](https://www.researchgate.net/publication/373629992_REDE_DE_MUSEUS_E_COLECOES_DA_UFPA_UMA_METODOLOGIA_PARA_LEVANTAMENTO_DE_COLECOES_MUSEOLOGICAS_UNIVERSITARIAS_NA_AMAZONIA). Acesso em: 12 fev. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; COELHO, Yasmin Corrêa. Rede de coleções e museus universitários: uma experiência na amazônia paraense. Dossiê Museus e coleções universitárias. **Revista Arteriais**, Belém, v.10, n.18, p 21-29, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/arteriais.v0i0.17687>. Acesso em 14 fev. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; COELHO, Yasmin Corrêa; SILVA, Julia Soares. Diagnóstico de Coleções: revelando segredos de uma universidade Amazônica. **Revista CPC - Centro de Preservação Cultural** - Casa de Dona Yaya, Universidade de São Paulo. No prelo.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; PAULA, Carolina Barros de; NASCIMENTO, Thais Nunes; MIRANDA, Roberta Santos. **Conhecer para museologar**: uma metodologia para levantamento de coleções universitárias na Universidade Federal do Pará. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 70-96, dez. 2023. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/12/11-Artigo-07-13.09.2023.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024 12 fev. 2025.

LOTT, Wanessa Pires; AIROZA, Maíra Santana; PAULA, Carolina Barros de; CARDOSO, Ruth Macedo. **Uma possibilidade de museus em rede na Amazônia**: os espaços de preservação de acervos da universidade federal do Pará. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 8, p. 136-151, 2020. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/12.-Artigo-08-Wanessa-et-al-2020.pdf> . Acesso em: 13 jun. 2024. 12 fev. 2025.

MANO, Sonia; CAZELLI, Sibebe; DAHMOUCHE , Mônica Santos; COSTA, Andréa Fernandes; DAMICO, José Sergio. **Museus de ciência e seus visitantes no início do século XXI**: estudo longitudinal da visitação espontânea de cinco instituições da cidade do Rio de Janeiro. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 30, p. 1–48, 2022. DOI: 10.1590/1982-02672021v30e3. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/183990>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MARQUES, Roberta S.; SILVA, Rejâne Maria L. da. **O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários**: o caso dos museus da UFBA. Museologia e patrimônio. MAST, Rio de Janeiro. v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewfile/149/151>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MARTINS, D. L.; MARTINS, L. C. **Acervos digitais e coleções universitárias**: o potencial das instituições de ensino para a promoção da cultura digital em rede . Revista UFG, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/70424>. Acesso em: 28 fev. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278> . Acesso em: 11 jul. 2025.

POZENATO, Agnes; PACHECO, Gabriela; SCOPEL, Janete Maria; SCUR, Luciana. A importância da visitação monitorada no Museu de Ciências Naturais da Universidade de Caxias do Sul. **Scientia Cum Industria**, v. 4, n. 4, p. 244–247, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/23185279.v4iss4p244>. Acesso em: 15 fev. 2025.

RIBEIRO, E. S.; SEGANTINI, V. C.; GRANATO, M. **Museus e Patrimônio Cultural Universitário**: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articula es. In: *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrim nios*. 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/42809845/MUSEUS\\_E\\_PATRIM%3%94NIO\\_CULTURAL\\_UNIVERSIT%3%81RIO\\_DISCUTINDO\\_CONCEITOS\\_E\\_PROMOVENDO\\_PARCERIAS\\_E\\_ARTICULA%3%87%3%95ES](https://www.academia.edu/42809845/MUSEUS_E_PATRIM%3%94NIO_CULTURAL_UNIVERSIT%3%81RIO_DISCUTINDO_CONCEITOS_E_PROMOVENDO_PARCERIAS_E_ARTICULA%3%87%3%95ES). Acesso em: 28 fev. 2025.

SANTANA, Yanara Dorado; SITAK, Rufino Borges José; BUMBA, Pedro Fernandes. *Breve abordagem do papel dos museus públicos na preserva o do patrimônio cultural: os museus públicos de Angola*. Revista Publicando, Havana; Luanda, v. 5, n. 16, p. 265-286, jul./ago./set. 2018. Disponível em: [https://revistapublicando.org/revista/index.php/crv/article/view/1431#google\\_vignette](https://revistapublicando.org/revista/index.php/crv/article/view/1431#google_vignette). Acesso em: 22 set. 2025.

SANTOS, Manuela Soutello Mendes da Fonseca. MUSEUS E COLE OES DA UFPA: OS ESPAÇOS EXISTENTES NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ICB). Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará .Pará. 2018. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/b93705be-e5fb-4b1d-9c21-42399d76483a/content> . Acesso em: 08 ago. 2025.

SILVA, M. C. . **Valora o de cole es museológicas**: um aporte sobre a metodologia de gerenciamento de riscos. Disserta o de Mestrado, Funda o Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, p. 1-15. 2017. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/40667/Silva\\_Maria\\_PPGPAT\\_COC\\_2017.pdf?sequence=2](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/40667/Silva_Maria_PPGPAT_COC_2017.pdf?sequence=2). Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Rodrigo da. Museus nas universidades ou museus universitários?: uma breve análise comparativa entre o museu paulista da universidade de são paulo (brasil), o pitt rivers museum da university of oxford (inglaterra) e o museum of anthropology da university of british columbia (canadá). **Revista Cpc**, [S.L.], v. 16, n. 32, p. 9-35, 12 dez. 2021. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informa o Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i32p9-35>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/171180/179471>. Acesso em: 01 mar. 2025.

SOUZA, Daniel Maurício Viana de. **Cole es científicas em museus: parâmetros de divulga o e constru o de memória**. *Revista Brasileira de Museologia*, [S.I.], v. 10, n. 2, p. 100-115, 2016. Disponível em: <http://www.exemplo.com.br/arquivo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva *et al.* **Valora o como ferramenta para gestão e conserva o de cole es museológicas**. *Museologia e Patrimônio*, [S.L.], p. 321-348, 7 dez. 2022. *Museologia e Patrimônio*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52192/1984-3917.2022v15n2p321-348>. Acesso em: 30 jan. 2025.

THIESEN, I. Memória institucional. João Pessoa: UFPB, 2013. Disponível em: <http://editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/501> . Acesso em: 12 set. 2025.

TUCHERMAN, Ieda; CAVALCANTI, Cecília. Museus: dispositivos de curiosidade. **Comunica o, M dia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 141-158, nov. 2010. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/279/254>. Acesso em: 15 fev. 2025.

UFPA. Museu de Anatomia da UFPA permite viagem pelo corpo humano. **Portal UFPA**, 2018. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/8259-museu-de-anatomia-da-ufpa-permite-viagem-pelo-corpo-humano>. Acesso em: 12 fev. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). Museu de Anatomia da UFPA permite “viagem” pelo corpo humano. Portal UFPA, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/8259-museu-de-anatomia-da-ufpa-permite-viagem-pelo-corpo-humano>. Acesso em: 5 ago. 2025.

VALENTE, Mariana Giorgetti; FREITAS, Bruna Castanheira de. **Manual de Direito Autoral para Museus, Arquivos e Bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. Disponível em: [http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/academico/publicacoes/livros/manual\\_direitosautorais\\_GT.pdf](http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/academico/publicacoes/livros/manual_direitosautorais_GT.pdf). Acesso em: 01 mar. 2025.

VALLINOTO, I. *et al.* Qualificando Recursos Humanos na Área de Anatomia Através de Metodologia Extensionista. In.: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Educa/educa163.pdf>. Acesso em 12 de set. 2025.